

Canjele

valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

ano 2 - edição 05 - dezembro de 2016



MATÉRIA DE CAPA

Sheila Walker

por Rosália Diogo e Sandrinha Flávia

Africanidade é
questão de estilo!



Acessórios hand-made estilo afro-brasileiro
é com a Nega Badu!



Contato: (31) 3347-3763 | 99339-2795
www.facebook.com/NÉGA-BADU-503633653106251

Canjerê

valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

Editorial

Pausa para respirar, comemorar e agradecer

Final de 2016 é hora de pensar no que aconteceu, traçar novas metas, refletir e formular as ideias. A Revista Canjerê encerra o ano com aquela sensação gostosa de que conseguimos. Foram três edições. Cumprimos a meta estipulada no início do ano.

Com a ajuda de vários colaboradores, empenhados em trazer a melhor informação, levantamos pautas que geralmente não estão na grande mídia. Na escolha das entrevistas e das capas das três edições do ano destacamos nomes que defendem bandeiras importantes da causa negra, como Kabengele Munanga, Conceição Evaristo, Sérgio Pererê, Tukufu Zubere e Sheila Walker. Esses ativistas fogem do lugar-comum e lutam em prol de um mundo menos racista, mais tolerante e igualitário.

Para 2017 temos muito trabalho. Vamos em frente com a nossa bandeira racial, contando com a força das redes sociais que, em 2016, se firmaram como a voz das causas negras. Foi por meio de sites, blogs e vídeos que conseguimos levar as nossas mensagens de mobilização, repúdio, denúncias e protestos contra o racismo e as desigualdades diversas.

Pretendemos expandir ainda mais a Revista Canjerê no ano vindouro, abrindo cada vez mais as portas para novos colaboradores de várias partes do Brasil e da diáspora. Queremos descobrir pautas e registrar a nossa história.

Entre várias razões para comemorar, encerramos este editorial desejando aos leitores, parceiros e colaboradores um Natal de muito axé e uma passagem de ano plena de paz, amor, força e união!

Esperamos que 2017 seja bem melhor!

Ubuntu



Sandrinha Flávia
Editora

SUMÁRIO

- p4 Entrevista
Tukufu Zubery - As relações diaspóricas do movimento negro no Brasil com a África
- p14 Matéria de capa
Sheila Walker: a diáspora mostra a riqueza da cultura africana para o mundo
- p24 Ensaio
Método pedagógico quilombola: educação em disputa - Comunidade Quilombola Baú
- p28 África
Tecelagem africana para a descolonização do saber
- p8 Canjerê
Entre valorizações, parcerias e colaborações, a cultura negra permanece em evidência
- p10 Gente do Canjerê
Wellisson Pimenta: uma boa história para contar
- p12 Olhar Social
O Haiti (não) é aqui!
- p18 Negócios
Afrôbox: clube de assinatura de cosméticos para mulheres negras
- p20 Cultura - Artes Visuais
Herança ancestral nas telas e no mundo
- p21 Cultura - Literatura
111 tiros, 111 presos, 111 pretos.
- p22 Comportamento
A moda na construção da identidade afro-brasileira
- p30 Cultura - Música
Mozart, Choro e Simplicidade
- p32 Cultura - Cinema
O cinema negro como objeto social

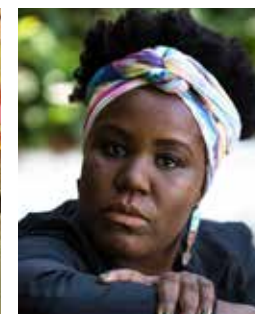
Agradecemos a todos da equipe Casarão das Artes e aos parceiros do Brasil e do exterior que aceitaram o desafio de construir esta importante fonte de informação e pesquisa.

Foto da capa
Rosália Diogo



Colaboraram nesta edição:

Moisés Mota, Samira Reis, Alex Kblo, Lívia Natália, Márcio Massière, Aline Rodrigues, Davidson Reis, Paulo Henrique Lacerda Gonzaga, Carlos Eduardo Dias Machado, Nísio Teixeira, Amanda Gomes, Kelly Souza, Filipe Chaves, Pedro Vilela - Agência i7, Mídia Preta, Letícia Souza, Ricardo Laf, Bianca Teles, Tereza Marinho, Mó Produções e Sebrae.



Matéria de Capa

Rosália Diogo e Sandrinha Flávia

Sheila Walker: a diáspora mostra a riqueza da cultura africana para o mundo

Expediente

INSTITUTO CULTURAL CASARÃO DAS ARTES
Presidente
Marcial Ávila

Presidenta de honra
Rosália Diogo

Vice-Presidenta
Samira Adriano Reis

EDITORIAL
Diretora de redação
Rosália Diogo

Editora
Sandrinha Flávia

Repórteres
Adriana Borges, Janaína Cunha, Moisés Mota, Roger Deff e Samira Reis

Editoração
Leonardo Oliveira e Maria Luiza Viana

Ilustração
Leo Ramaldes, Marcial Ávila e Maria Luiza Viana

Fotografia
Sol Brito

Revisão
Paulo Roberto Antunes e Versão Final

CONSELHO EDITORIAL
Carlos Serra
Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique

Edmilson de Almeida Pereira
Universidade Federal de Juiz de Fora - Brasil

Eduardo de Assis Duarte
Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

Filinto Elísio
Rosa de Porcelana Editora - Cabo Verde

Ibrahima Gaye
Centro Cultural Casa África - Brasil - Senegal

Maria de Mazzarelo Rodrigues
Mazza Edições - Brasil

Marcial Ávila
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Maria Nazareth S. Fonseca
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

Olusegun Michael Akinrulli
Instituto Yourubá - Brasil - Nigéria

Patricia Gomes (Guiné-Bissau)
Universidade Federal da Bahia - Brasil

Rosália Diogo
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

O movimento negro no Brasil e as relações diaspóricas com a África

Moisés Mota

Graduando em jornalismo pela UFOP, colaborador do Casarão das Artes e membro da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafaiete - MG

Professor e documentarista, Tukufu Zuberly esteve no Brasil para participar do Festival Mundial de Artes Negras em junho deste ano. Nesta entrevista, o pesquisador debate sobre o Movimento Negro no Brasil, as relações diaspóricas com a África e como ele compreende a cultura nacional após suas pesquisas.

Como foi realizar parte de seu projeto Africa Independence no Brasil?

Sou professor e documentarista. Produzi o documentário *African Independence* e um livro com o mesmo nome. Agora finalizo outro projeto sobre afrodescendentes na América. Eu comparo experiências da África em diáspora nos países de língua portuguesa, espanhola e inglês, principalmente os Estados Unidos.

A princípio, eu visito por cinco anos para investigar a raça no país, como fiz no Equador, na Colômbia e no Brasil. Nos Estados Unidos, a investigação durou 30 anos e, para cada documentário, eu escrevo um livro.

O projeto *African Independence* é iniciado no Brasil por ter a maior população afrodescendente no mundo. Depois partimos

Qual foi sua motivação para iniciar aqui?

para a Colômbia, o Equador, o Peru e, finalmente, os Estados Unidos.

Acredito que o mais importante para nós africanos e afrodescendentes seja entender a situação afrodescendente no Brasil. Por quê? Afrodescendentes no Brasil é muito importante para o futuro dos afrodescendentes no mundo. É muito importante e nós temos que questionar sobre o que é África? O que são africanos? O que são afrodescendentes, afrodiáspora, negro, afro-brasileiro, afro-colombiano, afro-peruano, afro-americano? É necessário um diálogo sobre isso. Eu estudo muito. Falo cinco idiomas para poder executar esse projeto e dialogar.

Qual a importância de entender a África e os afrodescendentes?

Sobre o passado normalmente há uma visão de África e afrodescendente como pessoas pobres, sem educação e sem oportunidade para fazer a contribuição de elevar uma civilização. Eu não penso isso. Pelo contrário. Os africanos e afrodescendentes tiveram uma grande contribuição na civilização. É necessário ter

uma perspectiva diferente. Eu tenho dois documentários na África em dois momentos muito importantes para a contribuição de africanos na civilização. Um investiga o livro *Tarikh al-sudan*. Um africano escreveu um livro sobre a história da África no século 17. É muito importante um negro contar a história da África. Eu leio esse livro e construo o documentário a partir dele. Eu visitei o Norte do Mali, que agora está em guerra civil. Esse é um momento em que a África faz uma grande contribuição econômica e intelectual. Em outro documentário, *African Independence*, eu investigo o movimento de descolonização da África. Esse processo resulta na mudança de visão sobre os africanos. Antes do movimento negro, todo o mundo pensava que na África não havia habilidades para presidentes, embaixadores, etc. Depois do processo de independência, não podem mais dizer isso. Existe na África uma relevante contribuição para a civilização. Agora há muitos países e governos no continente. Na história dos afrodescendentes na América, o Brasil tem uma posição única porque muitos escravos tiveram experiências começando pelo Brasil, depois o Caribe e a América do Norte.

Nem tanto. Gilberto Freire escreveu livros sobre democracias de raça no Brasil de-

Você considera esse discurso ainda contemporâneo?

pois da Segunda Guerra Mundial. Todo o mundo visa o Brasil por ter uma democracia rasa. Mas o Brasil na verdade não tem. Tem uma retórica de raças democráticas.

Nós temos uma construção social de memória. Não uma história nata da humanidade do que é ser humano. Isso é construído. Há questões a fazer. Afrodescendentes: por que das políticas? Por que investigar?

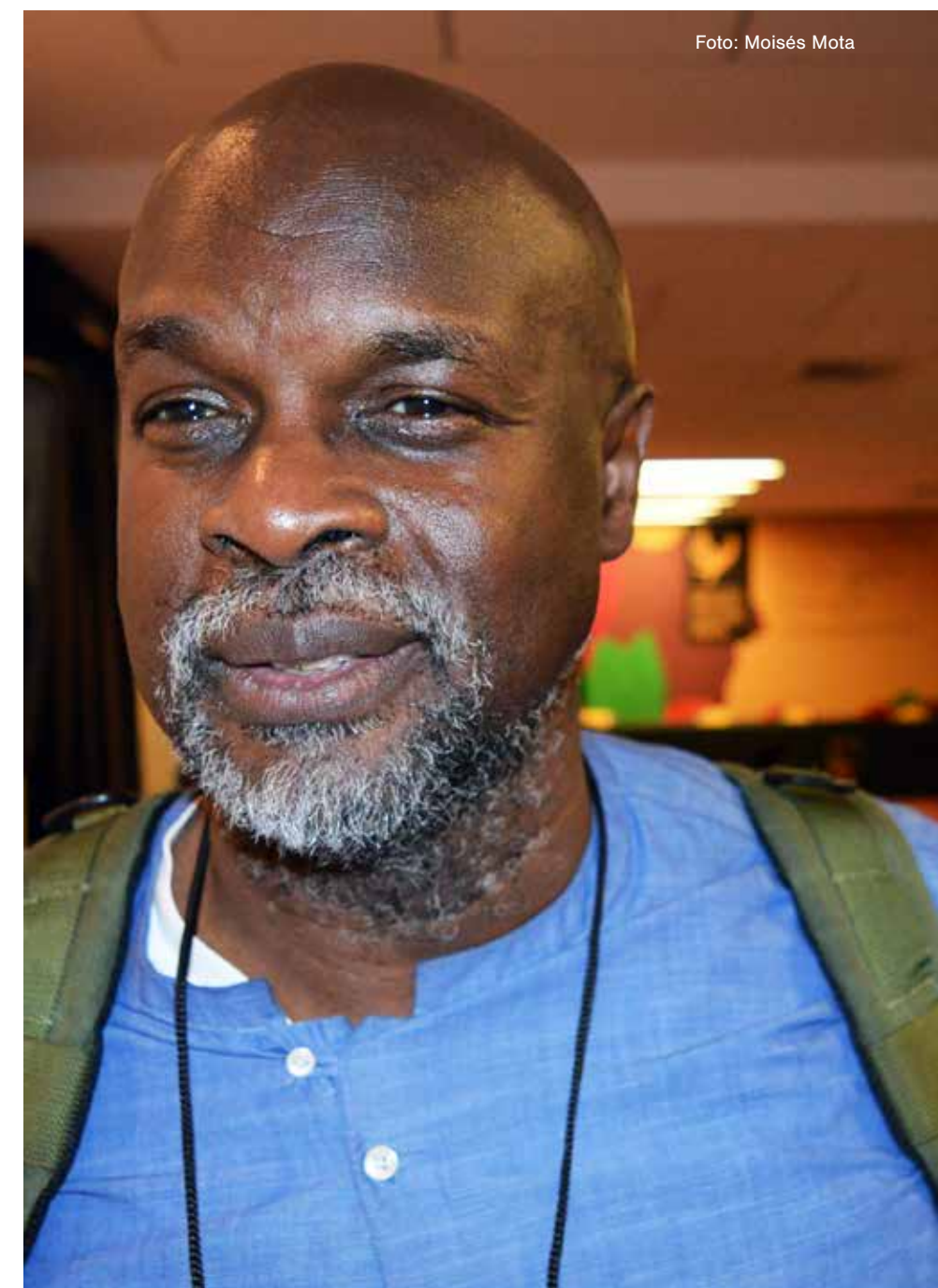


Foto: Moisés Mota

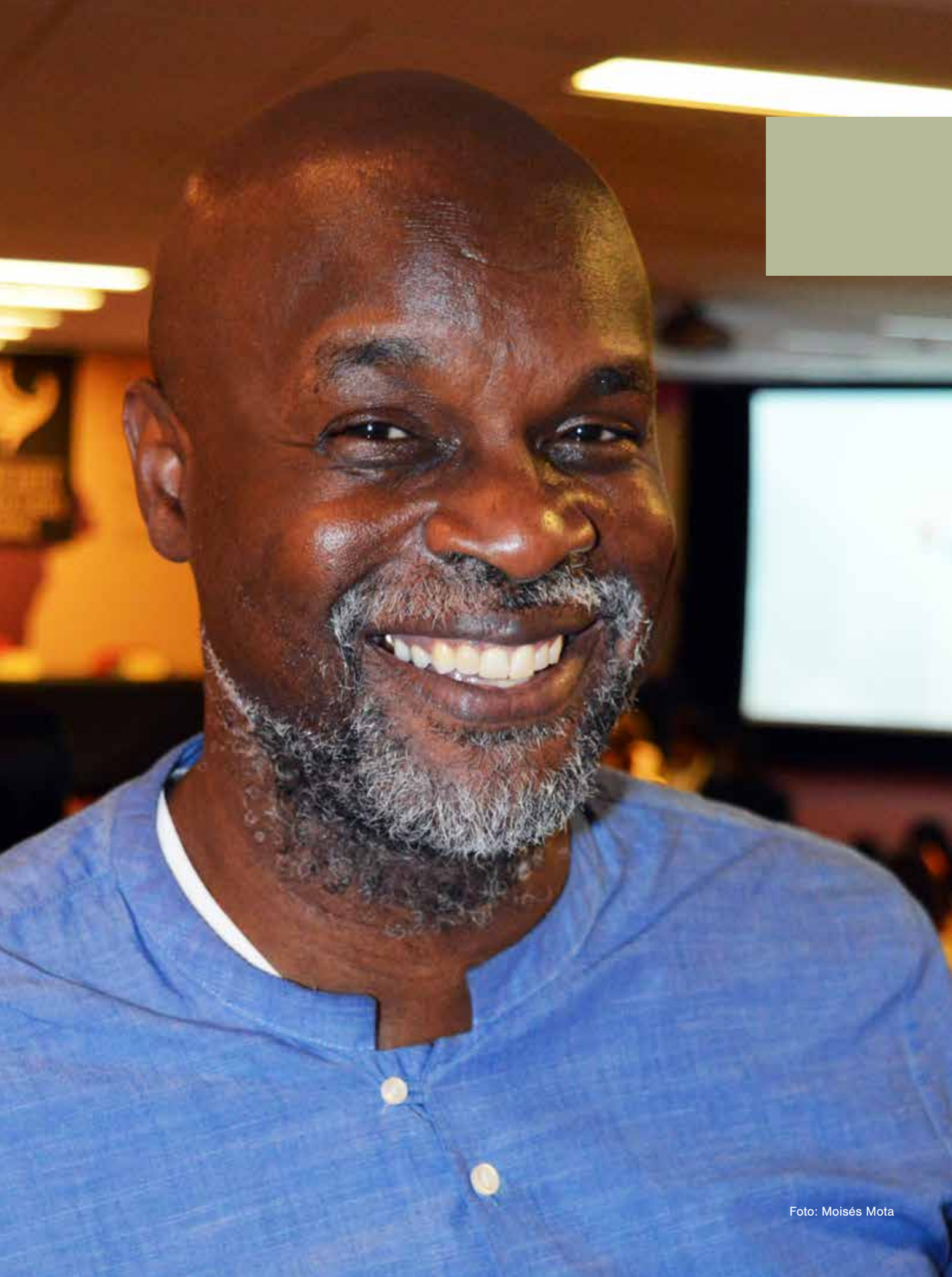


Foto: Moisés Mota

Esse trabalho pode ser considerado uma construção de memória?

Os afrodescendentes nos Estados Unidos não são os mesmos que na Colômbia. O movimento afrodescendente na Colômbia é diferente desse movimento no Brasil. A Colômbia é mais próxima do Brasil, mas tem uma história de movimento bem diferente. O mesmo ocorre nos Estados Unidos, no Equador e no Peru. Eu penso que é importante entender essa diferença para termos uma possibilidade de construir um movimento pan-africanismo com relações próximas da África.

Eu me considero pan-africanista. Acho que é importante para o progresso dos afrodescendentes estarem ligados à África que não tem um progresso afrodescendente. Contudo, existem movimentos negros em todo o mundo, e a África é um símbolo de afrodescendentes, e o símbolo é importante. No Brasil existe o candomblé e a capoeira que são uma clara conexão com a África. Nos Estados Unidos temos a mesma prática de cultura. O mesmo acontece na Colômbia, no Equador e no Peru. É necessário ter uma

ideia de identidade para obter um progresso. Não há uma ideia de idoneidade. Assim não há uma ação clara. Não há uma habilidade clara para organizar.

Há questões recorrentes no Movimento Negro Brasileiro: o que são afrodescendentes? O que são negros no Brasil? E se seu eu disser que você é preto no Brasil? No Brasil há um indivíduo negro. Mas nos Estados Unidos, eu sou *black*, *black power*,... No Brasil eu sou negro. Por que essa diferença da língua, da cultura, da história? Por que negro nos Estados Unidos não entende a história de negros no Brasil? Mas por que não? E mesmo para o Brasil, é necessário entender a história negra em outros países.

Outros países pensam que nossa referência negra nos Estados Unidos são Beyoncé, Michael Jackson, Mohamad Ali, mas não. Na verdade, Beyoncé, Michael Jackson, Mohamad Ali são resultado de uma cooperação midiática onde há o promotor de personalidades,

Como você avalia o Movimento Negro Brasileiro?

mas não tem uma história de negros nos Estados Unidos, negros na Colômbia, negros em outros países. É próximo, mas não tem entendimento da história da situação de agora. Por exemplo: existe uma guerra, uma luta para direitos civis na Colômbia, próxima a Cali. É muito importante, pois são mulheres que lutam por direito às minas de ouro em um lugar tradicionalmente negro. Entendo que a memória é mais individual. É necessária uma memória de populações negras em muitos países. É muito importante entender isso para que possamos entender a cultura dos afrodescendentes no futuro e ter uma memória patrimonialista dos negros em vários países.

“Antes do movimento negro, todo o mundo pensava que na África não havia habilidades para presidentes, embaixadores, etc. Depois do processo de independência, não podem mais dizer isso. Existe na África uma relevante contribuição para a civilização”

Reafirmando a resistência e a inventividade de Dandara e Zumbi

Equipe Casarão das Artes (textos e fotos)

O segundo semestre de 2016 vai ficar marcado por atividades culturais alinhadas à valorização e à promoção das artes e da cultura negra. As iniciativas visam ressoar os ecos de Dandara e Zumbi em prol da reafirmação da força ancestral dos negros no Brasil.

Mulheres da Galiléia



No dia 7 de agosto, o grupo “Mulheres da Galiléia” participou de mais uma edição do projeto Resenhas Pretas no Memorial. As apresentações acontecem no Memorial Minas Gerais Vale. O projeto dá continuidade a um trabalho que há mais de 20 anos vem sendo desenvolvido pela educadora Gal Duvallé. O trabalho faz parte de projetos sociais e desempenha um papel educativo e pedagógico. A arte é o instrumento de base para a desenvoltura pessoal, social e educacional dos participantes. As Mulheres da Galiléia incendiaram o museu, mostrando letras contestatórias para se referir à histórica opressão sofrida pela mulher, especialmente a mulher negra. Por outro lado, as artistas brindaram o público com letras criativas para apresentar novas possibilidades de relacionamento fraterno e respeitoso com as mulheres na sociedade.

“Nossas histórias, um pote de ouro”



No dia das crianças, no Sesc Palladium, foi a vez de contar “Nossas histórias, um pote de ouro”. A oficina infantil foi coordenada por Denilson Tourinho, João Lucas e Raisla Maria, colaboradores do Casarão. A peça é uma divertida atividade que conduz os participantes a praticar e repensar brincadeiras, textos e canções como valiosas manifestações culturais. A oficina é um convite de imersão em atividades que resgatam e valorizam nossas histórias brasileiras e de matriz africana, como a surpreendente história de Itulo, princesa do Congo.

Dandara e Zumbi

Fechando os trabalhos, no dia 13 de novembro foi a vez do Sarau no Memorial intitulado “Anônima”. As ações têm sintonia com as lutas de Dandara e Zumbi para manterem vivas a cultura e a energia negras. Foram três apresentações em novembro no Sesc Palladium. O trabalho foi enriquecido com a atuação da rapper Tamara Franklin. A MC é uma das grandes apostas da arte em Minas. Revelada na cena Hip-Hop, Tamara traz uma proposta rítmica diferenciada que vai do samba ao blues, aliando a poesia do rap às influências da cultura afro-brasileira. No dia 16, o Casarão ofereceu um evento alinhado com o eixo curatorial do mês – Gênero: visibilidades e invisibilidades. Os convidados foram o artista drag queen Wil Soares, com a personagem Willa Soares, o estudante e transgênero Gael Benitez e a pesquisadora e membro do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da Universidade Federal de Minas Gerais,

Parceria Sesc Palladium

Para dar continuidade à parceria firmada com o Sesc Palladium em maio, o Casarão das Artes promoveu as primeiras atrações no dia 13 de setembro. A partir do eixo curatorial do mês – imigração –, a descendente de guineenses Raquel Cabaneco fez uma performance de dança urbana. Na mesma noite, o professor e pesquisador Marcos Cardoso ministrou palestra sobre a leitura do processo de “imigração forçada” dos negros africanos para o Brasil no passado, em comparação aos processos diaspóricos contemporâneos.



Rafaela Vasconcelos. Willa fez uma performance ao som de “Benedita”, interpretada por Elza Soares. Em seguida, participou de uma roda de conversa com os outros dois convidados e o público. No dia 19, Denilson Tourinho desenvolveu a oficina “Afro-mineiridades” no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), oferecendo subsídios para fortalecer as relações étnico-raciais. A peça foi viabilizada por uma parceria da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte com o CCBB.



Lançamento da Revista Canjerê

No dia 11, a Revista Canjerê lançou a sua quarta edição. Para abrilhantar a festa, a cantora Elzelina Dóris marcou forte presença com o projeto “Cantando e Contando a História do Samba” em apresentação no Memorial Minas Gerais Vale.



Foi mais uma linda manhã, com o primeiro Sarau de samba. O projeto foi idealizado por Dóris e tem a finalidade de valorizar a história social do samba a partir do resgate da memória musical, além de despertar e desenvolver a integração social. A cantora está na estrada há mais de 15 anos.



GENTE DO CANJERÊ

Uma boa história para contar

Samira Reis

Formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Possui MBA em Comunicação Integrada. Também é modelo e responsável pelo blog Baú da Preta

Foto: Tereza Marinho

Todo mundo tem uma história pra contar. Pode ser da trajetória de vida, das conquistas pessoais, da indignação com a política,... Isso, sem contar as obras de ficção ou o surgimento de um país, de guerras,... Transmitir esses saberes é fundamental para a construção de uma sociedade. No caso de Wellison Maurício Pimenta da Silva, contar histórias virou profissão. O contador de histórias entendeu a importância do que faz ainda quando era criança. “Contar histórias vem da minha infância ouvindo casos de assombração, de brigas, de pragas rogadas aos filhos que agrediam pai e mãe e histórias do cotidiano. Brincava de recontar as histórias que minha mãe contava e as que ela lia para nós”, afirma.

O ator e brincante comenta sobre os desafios de manter essa tradição de maneira simples, sem fazer da contação um espetáculo de teatro, já que não são utilizados recursos mecânicos nem eletrônicos. “Também é preciso descobrir uma história e uma linguagem que vá interessar ao público”.

Para Wellison, é gratificante ver as expressões de satisfação, carinho, surpresa e de emoção nas pessoas. Porém, ele sentiu a necessidade de tornar o trabalho um porta-voz da trajetória do povo negro. “Fui descobrindo aos poucos que na África sempre existiram reis, rainhas, nobres intelectu-

ais, artistas, pensadores, cientistas e tudo que os dominadores brancos negam do povo negro. Por que eles sequestravam os povos de certos lugares? Por que separavam as etnias e assim muitos outros fatos que desconhecemos? Por que não falamos de nossos heróis negros nascidos no Brasil? Estamos numa luta secular de reconhecimento do orgulho negro! Então contar essas histórias também passou a ser fundamental, desde os contos africanos e a história de personagens africanos e afrodescendentes”, explica.

Para cada público e o espaço onde se encontra, é necessário fazer os ajustes para que a história possa encantar. E não há idade. É pra todos. “Uma que gosto muito, que em geral conto para jovens e adultos, é a “A terceira margem do rio”, e “A árvore generosa”. Para a criançada ou o público misto, conto a história “A menina e a figueira”. Gosto da melodia, da mensagem das histórias e de acompanhar o envolvimento do público com o desenrolar da história”.

Em um mundo cada vez mais dominado pela tecnologia, Wellison acredita que a transmissão de saberes tenha seu lugar. “A tecnologia tem sim dificultado o início de uma sessão de contação. Mas com um pouco de atenção e experiência, busco no repertório “causos” ou brincadeiras que vão atraindo. Então eu entro com a história. Ainda que haja esses desafios, ocorrem reações inesperadas e positivas. O público vai ouvindo e se envolve”, diz.

Foi com a mãe que tudo começou. Ao longo da trajetória, algumas referências inspiram o trabalho do contador de histórias. Dentre elas destacam-se Roberto Carlos Ramos, Edite, Sandra Lane, Sandra Franco Bittencourt e Maurício Tizumba.

Lá no fundo, todos somos contadores de histórias. Da nossa vida, da nossa casa, dos nossos amores. O que torna esses “causos” especiais é a verdade que queremos mostrar.

Dica de leitura:

Wellison indica:
Carne de Língua
Conto africano retirado do livro
“As narrativas preferidas de um contador de histórias”,
de Ilan Brenman

O Haiti (não) é aqui!

Alex Kblo

Tem 31 anos e já passou por 60 países. Foi continuando o registro fotográfico de suas visitas que se motivou a registrar a realidade do 6º Alojamento de Brasileia, quando por lá chegou



O Projeto de Exposição Fotográfica Itinerante e Oficinas de Língua Portuguesa O Haiti (não) é aqui !!! surgiu com a ideia inicial de uma foto-reportagem sobre as condições de vida dos imigrantes clandestinos. Ao final de 2013, eles cruzavam às centenas a fronteira acriana.

A demanda gritante por tradução no Abrigo Humanitário de Brasileia acabou segurando o fotógrafo por lá mais tempo do que o previsto e, no início de 2014, já se passavam as experiências com oficinas de iniciação na língua portuguesa aos recém-chegados.

Diante do registro que vinha acontecendo, surgiu a ideia de uma exposição itinerante que

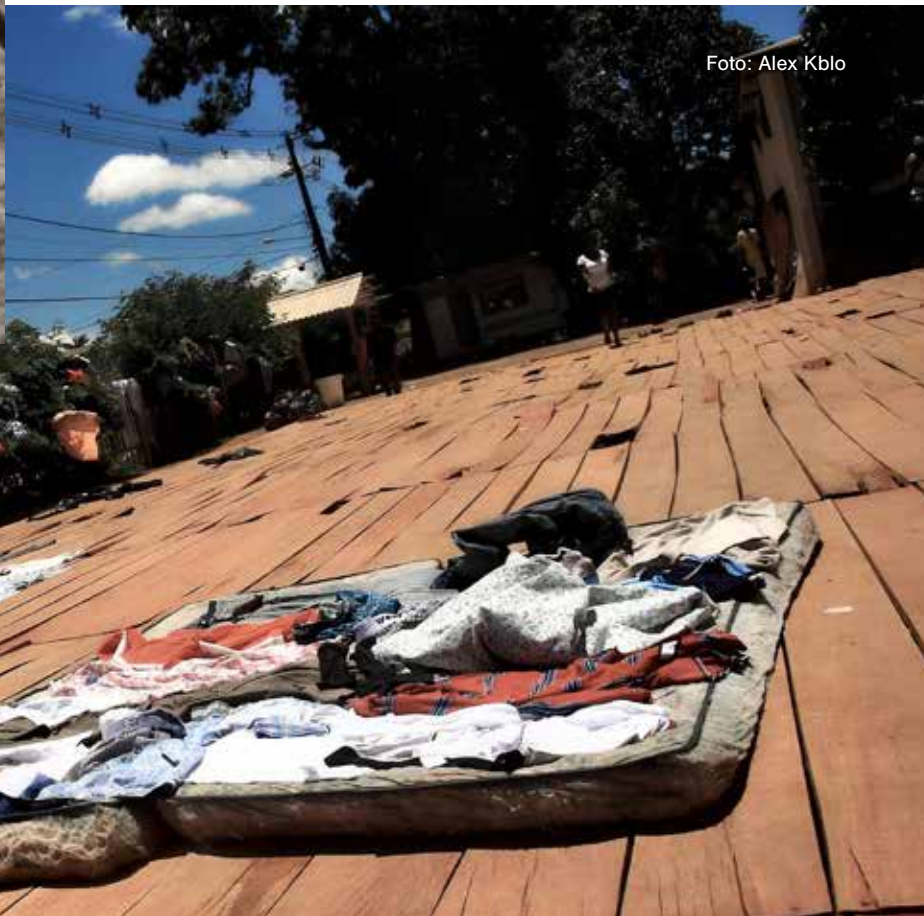


Foto: Alex Kblo

percorresse o estado acriano, dada a forte demanda inatendida por artes plásticas e visuais que, em pleno século 21, segue dentro da realidade acriana.

O Álbum Fotográfico O Haiti (não) é aqui !!! faz uma alusão à canção de Caetano Veloso e Gilberto Gil, com os cliques de uma lente 18-55mm, o trabalho registra as imagens, a coragem e a esperança de pessoas que tiveram suas vidas interrompidas pelo último abalo sísmico de grandes proporções no Haiti. Esses registros incluem as crises financeiras em países, como República Dominicana e Senegal. E lutam contra o estigma de imigrantes e a xenofobia em suas vidas, buscando no Brasil um novo começo.

Aproveitando a experiência prévia do fotógrafo Alex Kblo, como professor de língua estrangeira, e inspiradas pela Pedagogia do Oprimido de Freire e pelo Teatro do Oprimido de Boal, as aulas se propõem a transmitir um vocabulário por meio de interações divertidas, em vez do sombrio ambiente de uma sala. Essas aulas aconteciam ao ar livre no Abrigo Humanitário de Rio Branco e eram abertas também à comunidade local. O intuito era diminuir o ócio em que permanecem enquanto resolvem sua situação legal em nosso Estado, além das dificuldades de comunicação, típicas para quem chega a um local cujo idioma não compreende.

Depois de expostas em Rio Branco, Tarauacá, Cruzeiro do Sul e Brasileia, as fotos acabam de voltar a Rio Branco para exposições pontuais. A exposição esteve presente na celebração do Dia Internacional dos Refugiados, em 20 de junho, e no Seminário Regional de Serviço Social, Regiões Fronteiriças e Fluxos Migratórios.

Sheila Walker: a diáspora mostra a riqueza da cultura africana para o mundo

Sandrinha Flávia

Graduada em Jornalismo (UNI-BH), editora, assessora de comunicação, radialista, mestra de cerimônias e produtora de eventos

Rosália Diogo

Professora. Pesquisadora. Presidenta de Honra do Casarão das Artes. Coordenadora do Festival de Arte Negra de Belo Horizonte.



A norte-americana, doutora em antropologia e pesquisadora da temática negra Sheila Walker sugere como deveria ser um Festival Mundial de Arte Negra.

No mês de junho, a equipe do Casarão das Artes se encontrou com a antropóloga e pesquisadora Sheila Walker para conversar sobre as suas impressões por ela ter participado do Seminário Mundial de Artes e Culturas Negras. O evento foi realizado em Belo Horizonte e levantou reflexões sobre a possibilidade da vinda do Festival Mundial de Artes e Culturas Negras (Fesman) para o Brasil em 2017. Esse rico momento serviu para conversar sobre assuntos que permeiam a movimentação negra no Brasil e no mundo, como tecnologia, empoderamento, solidão da mulher negra, cotas para negros, etc.

Com traje simples, atrás de uma mesa de madeira, Sheila revelou um português fluente, uma simpatia que encanta e muito amor pelo Brasil e pelos países da diáspora. Ela se declarou entusiasmada com a possibilidade de o Brasil – segundo maior país em número de população negra fora da África – sediar o Festival Mundial de Artes e Culturas Negras (Fesman) em 2017. A dúvida é se realmente o festival vai ser mundial.

“Primeiro eu adoro o fato de o Brasil organizar o 4º Fesman.

Será o primeiro festival na diáspora. Espero que esse festival seja o primeiro realmente mundial. Eu participei da terceira edição do evento. Foi muito interessante, havia pessoas de muitos lugares, mas não era mundial. Onde estava o oceano pacífico, oceano Índico, os afro-indianos, os afro-turcos? Não estavam. Então a minha grande esperança é que o Brasil faça um festival realmente mundial, representativo”, ressaltou.

Acostumada a viajar para pesquisar comunidades afros espalhadas mundo afora, Sheila afirma que há muitas culturas, porém pensa-se em poucas delas. Dentre os possíveis temas que podem ser abordados no Fesman, a transferência da tecnologia da África para os países das Américas, fato que tornou possível o desenvolvimento de todos os países das Américas, precisa ser desmistificada, segundo Sheila. “A ideia de que os africanos vieram sem nada na cabeça é um absurdo. Os europeus sabiam quais africanos tinham quais conhecimentos. Por exemplo: eles sabiam que os africanos tinham conhecimento sobre a mineração de ouro porque praticavam um comércio legítimo. Eles chamavam a atividade de costa da mina, enquanto os britânicos chamavam de costa do ouro. No meio do século XV, os portugueses estavam comercializando ouro com

MATÉRIA DE CAPA

o povo de Gana. “Já existia um comércio de ouro, e os portugueses sabiam que os africanos conheciam o processo de transformação do ouro”, diz.

Aprender as verdades sobre as histórias dos afrodescendentes é uma das preocupações da antropóloga. Em 1996, Walker organizou um congresso internacional. Nesse evento, aprendeu que, dentre os mais de 6,5 milhões de pessoas que atravessaram o oceano atlântico, 1 milhão era da Europa, e 5,5 milhões vieram da África. A partir dessa informação, percebeu que na história das Américas, a maioria das pessoas eram africanas e afrodescendentes. “Como não aprendemos sobre isso? É o básico para compreendermos as Américas. Eu aprendi muito tarde e acho que muita gente não sabe disso ainda. Se aprendermos fatos como esse da nossa história, acho que sentiremos mais proprietários do nosso hemisfério”, ressaltou Sheila.

Empoderamento

Empoderar a população negra e promover a igualdade é um desafio que o Brasil enfrenta na economia, educação, nas finanças, etc. Várias iniciativas de grupos, ONGs e movimentos têm impulsionado as ações nesse sentido. Com base nesses dados, Walker falou sobre sua análise da ascensão do negro brasileiro. “Na primeira vez

em que vim ao Brasil, em 1976, achei o país lindo. Na segunda vez, percebi o racismo e a hipocrisia. Quando eu viajo de avião, não vejo negro. Se eu viajo de ônibus, eu vejo. E as pessoas dizem que isso não é racismo; é economia. Todos os países das Américas são racistas e começaram com duas coisas negativas: o genocídio dos originários e a escravidão dos africanos. Então temos uma história problemática. A escravidão está conosco hoje. Temos uma epidemia de homens mortos pela polícia tanto aqui, quanto nos EUA, no Equador e na Colômbia. Por um momento fiquei feliz ao ver no avião uma ou duas pessoas afro-brasileiras. Na embaixada estava feliz de ver passar uma afro-brasileira. As coisas estão mudando, mas poderiam mudar ainda mais rapidamente”.

Desigualdade Brasil X EUA

Os brasileiros costumam ter como base a história de luta racial dos Estados Unidos. Nas citações, ressaltam-se personalidades, como Luther king, Ângela Davis, etc. Sheila considera que o Brasil e os Estados Unidos são semelhantes e diferentes ao mesmo tempo. O Brasil não enfrentou a segregação oficial que os Estados Unidos enfrentaram. De acordo a pesquisadora, esse regime racista trouxe algo de útil. “O lado útil é que graças a essa discriminação por lei, tínhamos

de criar instituições paralelas às da sociedade branca. Como resultado, existem 104 universidades afro-americanas. Também surgiram igrejas importantíssimas, como a Batista e a Metodista. No começo do século XIV, quando os afro-americanos iam às igrejas metodistas, houve uma segregação. O afro-americano tinha que se sentar atrás. Então eles decidiram que, se não pudessem se sentar como todos, não iriam mais frequentar essas igrejas. Foi então que surgiu a igreja União Africana Metodista. A instituição existe até hoje, e a minha família frequenta”. Com emoção, Sheila disse que as igrejas foram lugares de organização espiritual e política. “Não é à toa que tivemos o reverendo Luther King e o pastor Jesse Jackson. Eles eram líderes políticos e econômicos. No Brasil é diferente: há instituições africanas, como a Congada e o Candomblé, que nós não temos”, disse.

Cotas

A antropóloga resalta que, de 1500 a 1800, cerca de 75% dos produtos das Américas foram produzidos pelos afrodescendentes involuntariamente e de graça. O trabalho afrodescendente é a base de todas as Américas. “No movimento para reparações, se pensamos em tudo que africanos e afrodescendentes contribuíram para o desenvolvimento dos países, temos uma ideia mais

concreta de por que merecemos reparações. Quando houve a emancipação nos impérios Portugêses, Francês e Espanhol, quem recebeu o que se pode chamar de reparações foram os donos de seres humanos. Eu não falo de escravos. Essa não é uma palavra do meu vocabulário. Falar de uma pessoa como escravo é crucificar essa pessoa. Eu não vou crucificar os meus ancestrais. Se os donos de outras pessoas receberam dinheiro para a posse da propriedade humana, por que nós não podemos receber nada por todo um trabalho realizado? Eu não espero receber nenhum cheque, mas os países que se desenvolveram com ajuda dos nossos ancestrais podiam criar programas para reequilibrar a

economia e dar certas vantagens aos afrodescendentes”, declarou.

Ao ser questionada sobre como é possível se relacionar melhor com a África, ou seja, estreitar as relações, Sheila afirmou: “A África já deu a base da sociedade brasileira. O português do Brasil é muito africanizado. A diferença entre o português do Brasil e o de Portugal é a África. A África não conhece a diáspora. Eles sabem que nós existimos. Os lusófonos sabem. Os outros sabem pelo futebol, mas não têm a ideia da cultura existente. Aqui nas Américas há culturas africanas que na África não existe mais. Mas os africanos não sabem disso. Quando aconteceu o Congresso dos Orixás na Bahia, havia Yorubás que foram

à Bahia e foram surpreendidos ao ouvir um idioma do passado deles e de ver rituais que eles não têm mais em suas terras, porque são protestantes. Acho que seria muito bom para a África saber o que nós temos, sobretudo os países da costa de Senegal até Angola, mas seria bom também que tivéssemos uma ideia da África de verdade. Aqui temos um pensamento muito romântico do que é o continente. Não é essa ilusão. Precisamos saber que África não é um país e que há culturas diferentes”, lembrou.

Após o contato, seria preciso escrever no mínimo um livro para que sejam desenvolvidas todas as pautas que foram abordadas.



Afrôbox: clube de assinatura de cosméticos para Mulheres Negras

Sandrinha Flávia

Graduada em Jornalismo (UNI-BH), editora, assessora de comunicação, radialista, mestra de cerimônias e produtora de eventos

Foi da vontade de empreender e da lacuna no mercado de cosméticos para as mulheres negras que Élide de Aquino, 25, teve uma idéia: facilitar a vida das afro-brasileiras para que elas encontrem produtos específicos que atendam as suas reais necessidades, além de aproximar as marcas do seu público-alvo. “Há algum tempo, eu queria ter um empreendimento. Estudei empreendedorismo na Universidade da Correria. Aos poucos, compartilhando experiências vividas por amigas negras, percebi que estava na hora de fazer algo que valorizasse a beleza da mulher negra, normalmente à margem da comunicação de marcas e produtos de cosméticos”, contou. Foi seguindo seus instintos que Élide criou a AfrôBox – um clube de assinaturas que entrega caixas de cosméticos de acordo com o perfil de cada assinante.

Há tempos, as mulheres negras reclamam da falta de representação e de produtos que atendam as suas necessidades. Com o crescente movimento de crespas e cacheadas no Brasil, várias empresas de cosméticos lançaram linhas para atender à demanda. Essa efervescência tem movimentado o mercado de forma geral. Outros produtos voltados para o público negro, como maquiagens, meias e lingerie, vêm surgindo no mercado.

Antenada com as demandas das mulheres negras, Élide percebeu que o projeto tinha tudo para crescer, e ela reforçou o time. “Convidei a Bárbara Vieira, profissional em Relações Internacionais e blogueira, apaixonada por testar produtos, Grauciana Santos, jornalista e maquiadora de mão cheia e, por fim, o homem do time, Saulo Batista expert em tecnologia da informação”, contou.

Com o time pronto, o planejamento estratégico e de comuni-

cação afinados, começou a busca por marcas parceiras e assinantes interessadas. “O projeto funciona assim: a assinante acessa o site, escolhe o plano - mensal, semestral ou anual - e preenche um perfil e a forma de pagamento. Logo após o cadastro, a assinante recebe a edição referente à assinatura, contendo de cinco a oito produtos de cosméticos ao mês. Ela pode voltar às nossas plataformas, avaliar o que recebeu, trocar informações com outras assinantes e ganhar vantagem nas compras de produtos em tamanho real”, disse. Antes do lançamento oficial do projeto, a empresa tinha regis-

trado cerca de 400 cadastros, motivo de comemoração para a nova empresa.

Élide acredita que seja possível empreender de forma social, combatendo o racismo. “Durante muito tempo, o racismo institucionalizado no Brasil afetou e continua afetando a nossa relação com o mercado de cosméticos. Compramos, investimos bastante grana em produtos, mas ainda assim não conseguimos nos ver na forma de comunicação desses mesmos produtos. Por vezes (hoje menos, mas ainda acontece), não há opções para peles negras nem as opções “para negras” não nos servem. Não é diferente em relação aos clubes de assinaturas com caixas

“de beleza”.

É raro ver uma mulher negra fora do padrão midiático representando o serviço”, disse.

O mercado de cosméticos para as mulheres negras vem investindo em lançamentos, porém a forma de comunicação continua não agradando. “Continuamos não vendo o corpo negro que está fora do “padrão aceitável”. Esse é um fator que dificulta na hora de entender se vale a pena ou não investir em determinado produto. Mais do que isso: incluir mulheres negras, sabendo que são consumidoras como todas as outras, é um dever das marcas e a maior parte ainda não cumpre”, ressaltou Aquino.

“Durante muito tempo, o racismo institucionalizado no Brasil afetou e continua afetando a nossa relação com o mercado de cosméticos. Compramos, investimos bastante grana em produtos, mas ainda assim não conseguimos nos ver na forma de comunicação desses mesmos produtos”



Herança ancestral nas telas e no mundo

Rosália Diogo

Professora. Pesquisadora. Presidenta de Honra do Casarão das Artes Coordenadora do Festival de Arte Negra de Belo Horizonte

O trabalho de William Mota me é caro por vários motivos. Ele é um homem negro e tem a ousadia de utilizar imagens contundentes que demarcam a cultura africana e afro-brasileira de maneira incontornável. Esse artista visual, percussionista e educador desenvolve trabalhos visuais que sinalizam a marca que desejamos imprimir na sociedade. Essa é a nossa posição ideológica de fortalecer e promover ações e instrumentos que valorizem a cultura de matriz africana.

As produções artísticas de Mota permeiam o universo da cultura africana e afro-brasileira, explorando cores, símbolos, marcas da cultura negra e a religiosidade de matriz africana. Com traços gestuais expressivos, o artista busca suas representações por meio de uma técnica que não utiliza pincéis nem espátulas. O processo criativo do artista reflete momentos de transe pictórico em que as imagens são formadas em um processo intuitivo.

É perceptível a insistência do artista em demonstrar que a arte africana aparece em todos os momentos da vida social do brasileiro – nos objetos do cotidiano, naqueles usados em cerimônias e em datas festivas.

É com imensa satisfação que observo o interesse pelo trabalho de Mota dentro e fora do Brasil. Em 2015, o seu trabalho foi selecionado para ser exposto em Oslo, na Noruega. Em 2016, William está fazendo residência artística em Portugal, exibindo as suas obras em festivais e galerias de arte.



Foto: Rosália Diogo

111 tiros, 111 presos, 111 pretos

Por que os presos são quase todos pretos.

Livia Natália

Amanhã uma bala perdida atingirá meu peito.
Serei apenas outra negra perdida
Ante a bala encontrada.
Da viatura, gritarão que transportávamos droga,
Que atiramos com armamento pesado,
Que reagimos e tombamos.

Como do dantesco tombadilho,
Sobre nossos corpos, as moscas e os urubus
De casaca e microfone à boca
Enlouquecem dançando em espirais.

(Que mais fazer desse corpo calado?
Que mais fazer desse golpe violento na cara?
Como sanar, na ferida, o sangue?)

Preto é elemento marginal,
Com a face ladrilhada, o menor vira alvo do jornal,
Depois, aluno de cadeira e pistola.
Há como calar com essa bebida amarga
Tragando o paladar?
Reagimos, sim! Desobedecemos:
Uma mulher me confundiu com a empregada
Me apontando o elevador,
Eu a matei.

Meu irmão foi perseguido no mercado pelo segurança,
E suas mãos se demoraram sobre a carne branca,
Até estilhaçar sua humanidade.

Os meninos de rua invadiram as casas e mataram as
sinhazinhas.
Não houve jeito.

Precisamos reagir.
Se a casa grande nos deve até a alma,
Que comecem os jogos, que paguem com o que se
paga:
E hei de escolher minhas peças pelos dentes.



Ilustração: Márcio Massiére

Livia Natália
Professora de Literatura da Universidade Federal da Bahia. Poetisa

Márcio Massiére
Arquiteto urbanista. Design. Ilustrador. Fotógrafo

A moda na construção da identidade afro-brasileira

Aline Rodrigues

Graduanda em Design de Moda - UFMG

As roupas trazem grandes significações. Sua influência vai além do ato vestuário e está diretamente relacionada com as noções de identidade e diferenciação. A moda orienta o comportamento, sendo uma das formas de comunicação entre os indivíduos. Identidade por sua vez pode ser definida por um conjunto de caracteres particulares (cultura, língua, história, costumes, etc.) que distinguem pessoas ou grupos. É um conjunto de elementos que permitem saber quem uma pessoa é.

O início do resgate se dá principalmente pelo uso do cabelo natural e por meio do vestuário. Trata-se de um resgate cultural que, por muitos anos, nos foram negados e negligenciados.

Vários grupos de valorização à cultura e à estética africana se formaram para resgate e construção de uma identidade afro-brasileira. Exemplo disso é o Encrespa Geral, que ocorre em 19 cidades brasileiras e no exterior. O movimento é uma oportunidade para reflexão.

Junto desses acontecimentos surgiram marcas de roupas e acessórios para atender à demanda. O tecido africano é utilizado para a confecção dos trajes. Na África, os tecidos recebem diversas denominações. Por exemplo: Capulana em Moçambique, Kente em Gana, Kanga no Quênia e Samakaka em Angola. Todos eles têm em comum as estampas coloridas e padrões diversificados, apresentam estampas de cores vivas, com desenhos que vão além dos adornos. São a maior expressão usada para definir o povo africano.

Os tecidos africanos atuam como um elemento de preservação e construção da nossa identidade afro-brasileira. A Capulana usada em Moçambique circula entre nós com maior frequência. De norte a sul do território moçambicano, mulheres o utilizam para cobrir crianças, como toalhas, cortinas, embrulhos e principalmente para se vestir. No Brasil, ela se manifesta por meio de saias, vestidos, brincos, pulseiras e maravilhosos turbantes. O vestuário é uma linguagem não verbal que nos permite identificar pessoas que pertencem ao nosso meio apenas no olhar.

Foto: Davidson Reis



Foto: Davidson Reis



Acima:
Elementos visuais reafirmam a identidade afro-brasileira

À esquerda:
Os looks são criações de Aline Rodrigues. Os modelos são inspirados na moda africana

Método pedagógico quilombola: educação em disputa. Comunidade Quilombola Baú

Paulo Henrique Lacerda Gonzaga

Professor de Geografia. Graduado em Humanidades pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Compreender as comunidades Quilombolas no século 21 implica, antes de tudo, considerar as especificidades que constituíram as experiências dos sujeitos sociais, sem perder de vista o exercício crítico sobre o contexto. Nesse sentido, empreende-se uma busca para desvendar os processos históricos e traduzir suas vivências, lutas, direitos e identidade de forma pedagógica em um material didático.

Entendendo que a formação humana do Brasil, em sua trajetória histórica e geográfica, deu-se em grande parte pelos interlocutores do comércio de escravos, costuma-se pensar o quilombo como “refúgio de negros escravos fugitivos”. Esse entender é uma ideia cunhada no período escravista em que as comunidades quilombolas de todo o território nacional têm sua história em consonância com a história do Brasil contada pelos dominadores.

A aglomeração comunitária de negros e negras para a conquista da liberdade e da autonomia deixa claro que a organização social foi um caminho de resistência dessas pessoas marginalizadas e coisificadas pelo racismo e pela intolerância da elite brasileira. As organizações quilombolas continuam se movimentando com o poder público, requerendo seus direitos negados. Segundo a definição legal do decreto nº 4887/03, comunidade quilombola se define da seguinte maneira: grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais espe-



Foto: Paulo Henrique Lacerda Gonzaga

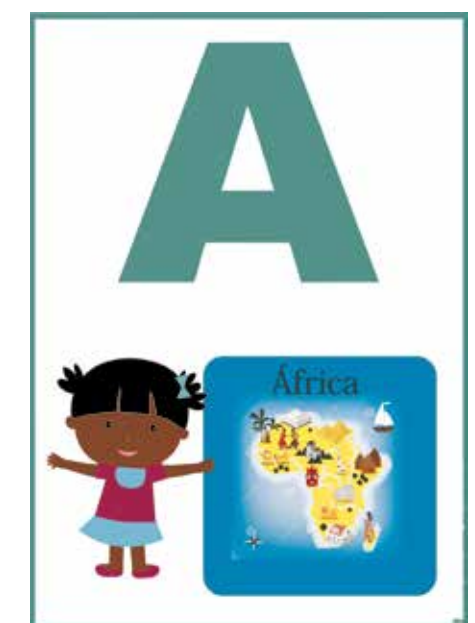
cíficas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, 2003).

Importante considerar que uma das formas que rompem com esse negar as comunidades é a educação. Por meio do ensino, é possível uma identificação e colaborar para uma efetiva desmistificação.

Assim este artigo surgiu de trabalhos e pesquisas realizadas com a Comunidade Quilombola do Baú, localizada no município de Araçuaí, mesorregião do Vale do Jequitinhonha - MG. Uma das carências de políticas que mais se acentuam é a da educação, pois grande parte das comunidades é atendida precariamente, com graves dificuldades estruturais e pedagógicas (GONZAGA, 2015).

Um aprofundar na questão educacional se faz necessário especialmente na limitada quantidade de materiais didáticos voltados para o ensino de quilombos. Com isso, esse fazer pedagógico contribui para a efetivação da Lei 10.639/03, que trata da obrigatoriedade do ensino de África e cultura afro-brasileira nas escolas e a Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola de 2012, nos quais o trabalho se embasa.

Exemplo do alfabeto Quilombola



O levantamento para a construção do material foi elaborado por meio de reuniões da Associação Baú e entrevistas com a comunidade e os membros do Terreiro de Mãe Lia de Oxum – Diamantina, Minas Gerais, detentores das palavras em iorubá utilizadas no material.

Entre os entrevistados, contou-se com a participação do vice-coordenador da educação da Federação N'Golo das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais e presidente da Comunidade Quilombola Baú, senhor Antônio Cosme das Neves Baú. Com a sua participação como autor e coorientador deste trabalho, buscamos mudar a visão etnocêntrica dos materiais didáticos para uma visão local, dando referência social negra às crianças quilombolas.

A Escola Municipal Maurício Gaspar de Oliveira foi fundada em 1987 pelo então prefeito Arthur Bergonholi. A instituição conta com dois funcionários públicos educativos: uma diretora e uma professora-zeladora, com sua clientela de dez educandos.

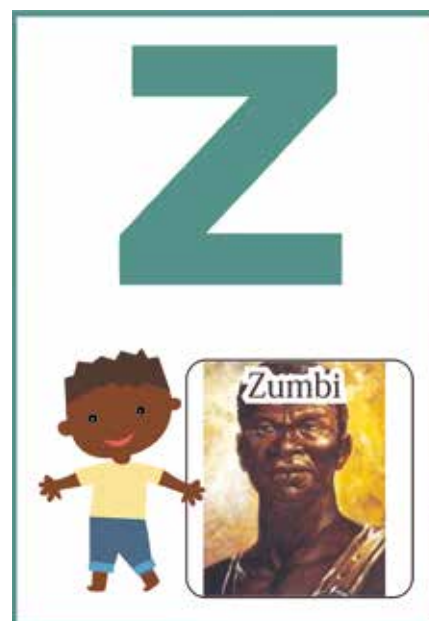
Acerca das classes multisseriadas - como é o caso da escola do Quilombo Baú - são caracterizadas com um fenômeno recorrente no sistema educacional brasileiro. Nessas classes, alunos de idades e níveis educacionais diversos são instruídos por um único professor. O agravante no Quilombo Baú é a dupla função de professora de sala multisseriada e zeladora da limpeza da escola. Essa condição compromete a qualidade do ensino.

Nesse sentido, a proposta deste trabalho é vir ao encontro da necessidade apresentada pela própria comunidade – o material de suporte didático, denominado Método Pedagógico Quilombola.

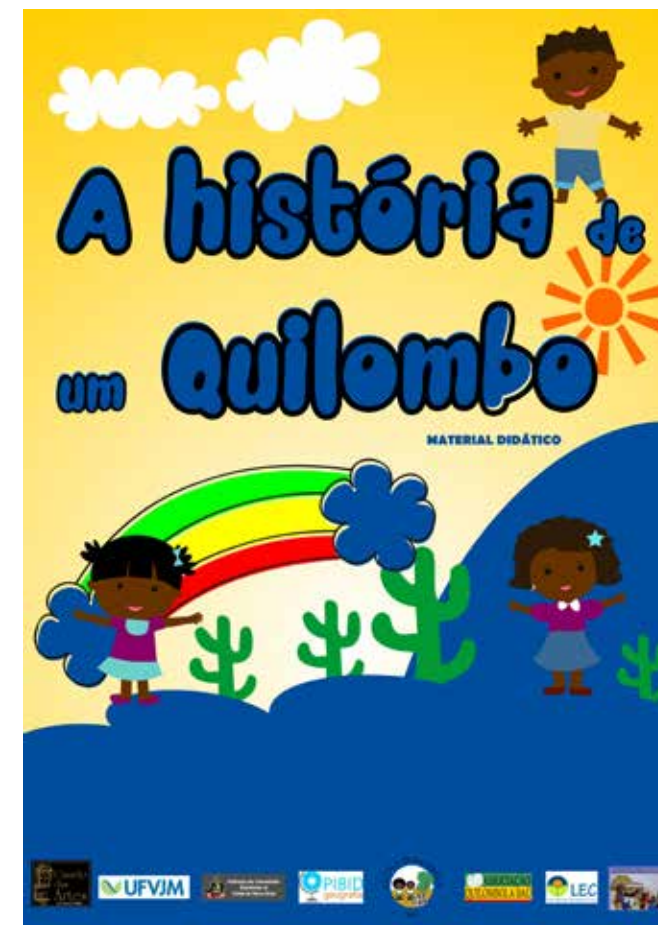
Pela limitação deste artigo, suprime-se a descrição das minúcias da elaboração do Material Didático para Comunidades Quilombolas, mas os sinais de suas divisões vêm na seguinte forma: Alfabeto Quilombola – A utilização de imagens e palavras que corroborem a identificação dos educandos em sua vivência como comunidade quilombola.

Material para o professor: esse material compreende três vivências educativas – Cantinho da Comunidade Quilombola, Preta da África e o Mural de Palavras em iorubá. São murais que possibilitam a atuação da Lei 10.639/03 no ensino da história e da Cultura da África e dos Afrodescendentes e traz uma alternativa em relação à Branca de Neve anteriormente afixada na escola. Ainda na linha da visibilidade de identidade existem as práticas pedagógicas educativas – Quilombo na escola e Conhecendo o território quilombola. Além da construção da história de um quilombo, como forma de aproximar os educandos de suas vivências pessoais e afetivas,

Exemplo do alfabeto Quilombola



Capa da publicação “História de um Quilombo”



propõe-se uma história baseada na realidade da comunidade em seu saber e modo de vida.

Podemos afirmar que as várias comunidades quilombolas que buscam a certificação e as políticas públicas compartilham um sentimento de identidade comunitária de ação coletiva na autoafirmação para a conquista de direitos. No caso da Comunidade Quilombola Baú, esse fortalecimento da identidade tem se mostrado importantíssimo nas conquistas dos quilombos no acesso à educação, à saúde pública e ao território.

Buscamos divulgar e apresentar essa realidade em congressos, encontros e nos órgãos competentes, bem como artigos a fim de alterar a realidade educacional da escola do Quilombo Baú. Assim a desconstrução de paradigmas enraizados em uma educação eurocêntrica possibilita não apenas a identificação como quilombola, mas a estabilidade educativa. A impossibilidade de identificação no processo educativo pode levar à desistência do educando e até mesmo à dificuldade de absorção de conteúdos educativos.

Como forma de fomentar o desenvolvimento intelectual, vê-se a urgência de repensar o processo educativo público quilombola. Além de ser uma exposição das ações enfrentadas, este artigo apresenta propostas de melhorias na educação na Comunidade Quilombola do Baú e traz um alerta das dificuldades enfrentadas por vários quilombos no Brasil. Esses povoados vêm sofrendo desgastes das políticas públicas voltadas para a educação diferenciada e os direitos constitucionais como território e saúde, cenário agravado com o golpe.

Finalizando este artigo, agradeço a todos os envolvidos neste trabalho, ressaltando o Quilombo Baú pela parceria, o Grupo Arteiros pela apresentação teatral, o Terreiro de Mamãe Oxum, o amigo colaborador deste trabalho Robson Di Brito e a Revista Canjerê pela oportunidade de expor parte da realidade quilombola no Vale do Jequitinhonha.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998. <http://www.dji.com.br/constituicao_federal/cf215a216.htm> Acessado em 20/9/2015.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Brasília: Conselho Nacional de Educação, Brasília, DF, 2012.

BRASIL. Estatuto da Igualdade Racial, Brasília, DF, 2010.

GONZAGA. P. H. L., Assessoria Técnica Educacional para Comunidades Quilombola; Relato de Experiência. Araçuaí MG. 2014. Monografia Graduação Licenciatura em Geografia.

GONZAGA. P. H. L., O Conflito Territorial e a Identidade Quilombola, Estudo de caso da Comunidade Quilombola Baú/ Araçuaí-MG, 2014, 59. F. Monografia Graduação Bacharelado em Humanidades.

NÓVOA, António (Coord.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

Tecelagem africana para a descolonização do saber

Carlos Eduardo Dias Machado

Professor, Alumni do Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Ford Foundation - USA, autor do livro *Gênios da Humanidade - Ciência, Tecnologia e Inovação Africana e Afrodescendente* (DBA Editora), escritor e palestrante

Em nosso país, o conhecimento sobre o legado do povo negro se resume à cultura e ao esporte. Isso não significa que essa produção seja irrelevante. Esse espaço foi conquistado a duras penas, mas os negros são mais do que isso. Trata-se de seres humanos e complexos. Todos são descendentes de uma África imensa, rica e diversa.

Apesar das estratégias eurocêntricas de desinformação, os africanos desenvolveram sistemas de conhecimento milhares de anos antes da invasão branca. Dentre elas estão a matemática, astronomia, agricultura, pecuária, piscicultura, engenharia, arquitetura, química, medicina, física, letras, educação, tecelagem, religião, defesa, política, civilização, o urbanismo e o comércio. Alguns sobreviveram na era pós-colonial, apesar das várias formas de intimidação e destruição que enfrentaram.

Sobre a tecelagem africana, é importante dizer que os tecidos não são exóticos nem étnicos. Trata-se de tecidos assim como os dos europeus ocidentais exportados para todo o mundo de forma hegemônica e ninguém os chama de étnico. O conhecimento da tecelagem existe há milênios em todo o continente. A base dessa tecelagem é formada por couro, linho, algodão, seda e rafia. Inicialmente utilizavam peles de animais como camelo para fazer tecido na África subsaariana e na África do Norte. Peles de leopardo eram cobiçadas também por serem um símbolo da realeza no Antigo Egito e até hoje entre os Zulus do sul.

A base da indústria têxtil na África subsaariana é o algodão. O insumo é amplamente utilizado na confecção do *boubou* (masculino) e *kaftan* (feminino). *Bògòlanfìni* (pano de lama) são têxteis de algodão tingido com barro fermentado, seiva de árvores e chás, feitos a mão pelos bambaras da região de Beledougou do centro de Mali e pelos dogons no leste do país.

Até o século 12, o chamado couro marroquino, que na verdade veio da área *haussá* do norte da Nigéria, foi fornecido para os mercados do Mediterrâneo e encontrou seu caminho para as feiras e os mercados

de lugares como a Normandia e a Bretanha na França.

Outras tradições têxteis africanas são o *djellaba*, *kente*, *adinkra*, pano de rafia, pano de casca, canga, *kitenge* e *mpanjaka lamba*. O *Djellaba* é produzido tipicamente com lã na região do Magrebe (noroeste africano). O *kente* é tecido em seda ou algodão multicolorido e é produzido pelo povo Akan nos países de Gana e Costa do Marfim, que desenvolveram também o tecido e um sistema pictográfico (escrita) *Adinkra*, antes usado pela realeza e em funerais. O pano de Ráfia foi a inovação dos Bakuba, atual República Democrática do Congo. Ráfia é uma fibra produzida a partir de folhas de um tipo de palmeira (*Raphis exelsa*). Pano de casca é produzido pelo Reino de Buganda em Ugan-

da a partir da árvore *Mutuba* (*Ficus natalensis*) e tem cor de terracota. O processo de produção foi considerado pela Unesco como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. *Kanga* é um tecido suaíli que se apresenta em formas retangulares feitas de algodão puro. É um tecido tradicional para as mulheres da região dos Grandes Lagos e serve para carregar crianças. É também um meio de comunicação. Para a parte oriental da região, frases em suaíli são tradicionais no tecido, enquanto que, nas áreas centrais, frases em suaíli e lingala são populares. *Kitenges* são semelhantes às *kangas* e ao *Kikoy*, mas são um tecido mais espesso. *Lamba Mpanjaka* é um tecido de seda colorido, usado como uma toga na ilha de Madagascar.

Durante a escravidão transatlântica, muitos tecelões qualificados foram expatriados, e o seu conhecimento veio para o continente americano.

Tecidos africanos podem ser utilizados como documentos históricos. O tecido pode ser usado para comemorar a existência de uma pessoa, a realização de um evento e até mesmo homenagear uma causa política.

A moda africana influencia a moda europeia em busca de inovação. Ao mesmo tempo, alguns aspectos do vestuário tradicional, como *dashiki*, *kente* e capulana são utilizados pelos afrodescendentes no continente americano, graças ao orgulho e ao comércio dos novos imigrantes da África Ocidental e Central.



Foto: Pixabay [Creative Commons]

Mozart, Choro e Simplicidade

Nísio Teixeira

Professor do Departamento de Comunicação Social UFMG e jornalista. Foi roteirista do documentário Simplicidade

Leo Olivera

Professor na Escola de Arquitetura e Design - UFMG. Pesquisa sobre música negra e eletrônica, é DJ e apresenta o Programa Elektronica na Rádio UFMG Educativa FM

No dia 21 fevereiro de 2015, o documentário Simplicidade – Mozart Secundino de Oliveira lotou duas sessões do cinema do Sesc Palladium em Belo Horizonte. A data não poderia ser mais adequada: Mozart completava 92 anos de vida, mais da metade deles dedicada à música brasileira, especialmente ao Choro, com seu inseparável violão de seis cordas. Nascido no bairro Bandeirinhas, em Betim, Mozart se mudou com a família para Belo Horizonte aos 11 anos de idade. O primeiro emprego dele na capital foi de entregador de marmitas. Depois ele virou carregador de compras no Mercado Central. Mais tarde foi

Simplicidade

Mozart Secundino de Oliveira (2015)

Direção: Daniela Meira e Amanda Gomes;

Fotografia: Celso Biamonti, Vinicius Túlio e Leonardo Vianna. Roteiro: Mariana Mól e Nísio Teixeira;

Edição: Alessandra Pascaud. Finalização de som: Jean-Luc Pascaud.

Assessoria jurídica: Elisângela Menezes.

motorista de táxi e, por fim, o trabalho a que se dedicou por 20 anos: vendedor ambulante de doces.

Sua carreira musical começou em 1964. Mozart aprendeu a tocar violão com o professor Bento de Oliveira. Aí começou a tocar em bares e a complementar seu salário de vendedor de doces com o Choro. Mozart integrou o grupo regional de Choro da Rádio Guarani, acompanhou por muitos anos o músico Waldir Silva e fez parte de vários grupos de Choro de diversas gerações em Belo Horizonte. Mozart foi também um dos membros-fundadores do Clube do Choro de Belo Horizonte. O grupo fez uma bela homenagem ao músico quando da sua morte em 22

de novembro de 2015 – dia de Santa Cecília, padroeira dos músicos.

Simplicidade faz referência ao Choro de Jacob do Bandolim, favorito de Mozart, e a um dos traços mais marcantes da personalidade desse músico querido por várias gerações. Ele foi integrante da velha guarda do Choro belo-horizontino e participava do grupo de jovens músicos da cidade. A trajetória de Mozart foi contada por meio de entrevistas com o próprio chorão, os músicos que ele acompanhava, familiares e outros personagens da cena do Choro em Belo Horizonte.

A atuação do músico em vários espaços da cidade também deixou marcas relevantes na trajetória dele. Foi essa arte, o Choro, que tornou Mozart conhecido, respeitado e popular.

O Choro historicamente é considerado a primeira grande manifestação popular no país. Esse gênero representa uma das mais perfeitas sínteses musicais da nossa cultura e foi nossa primeira música urbana. O Choro evolui de dois estilos também populares: o Lundu e a Modinha. A modinha era a música da Corte, oriunda da moda portuguesa com certa pretensão erudita em sua interpretação. O Lundu era da tradição Banto, vinda da África. Misturava música rítmica e dança e animava funções rituais e religiosas. Sofreu restrições, foi classificada como dança su-

persticiosa, mas ganhou o gosto da Corte, pois seu ritmo deu tempero à modinha. A fusão se daria mesmo por acontecimentos sociais importantes: a Abolição, o surgimento de novos ofícios para a classe trabalhadora (alfândegas, Central do Brasil, Correios, etc.) e a reforma urbana. Esses eventos propiciaram melhores condições sociais. Pela primeira vez, mesmo sem pertencer à classe média-alta, podia-se tocar músicas para divertir, reunir e celebrar. As pessoas começaram a se reunir no fundo dos quintais dos subúrbios com o preceito de realizar uma mesa farta em alimentos e bebidas, ouvir e tocar uma nova música surgida da mistura perfeita da tradição europeia e africana. O Choro foi isto: a trilha sonora dessa grande reforma social e popular sobre o bom convívio e o bem-estar social.

E foi isso que Mozart nos mostrou com Simplicidade e, sobretudo, com sua vida dedicada ao Choro. Mostrou - mas agora também segue nos convidando a lembrar - que a música realmente existe para nos reunir, divertir e alegrar. Ele fez isso com o Choro e trouxe ao mundo um pouco mais de coesão, humanidade, união - como era uma boa roda de Lundu ou essas rodas de Choro que o Mozart iluminou. Ainda hoje esse movimento segue iluminando sempre.



Foto: Amanda Gomes

O cinema negro como objeto social

Kelly Souza

Administradora, especialista em marketing e inteligência de mercado. Blogueira do Beleza Black Power

Quando o cinema passa a ser tratado como objeto de estudo social, devemos considerar também a necessidade de contextualização e discussão sobre a sua elaboração. É preciso discutir o envolvimento de políticas sociais, culturais, produção e distribuição do cinema negro.

O número de produções de conteúdo voltado para o público negro é crescente. Em 2016, Lupita Nyong'o entra mais uma vez em cartaz com o filme sobre a história de Phiona Mutesi, "Rainha de Katwe", moradora do Quênia e que mostra algo além de pobreza e miséria na África. O filme é dirigido por Mira Nair, indiana criada nos Estados Unidos. Outra produção que merece destaque é a "Hidden Figures", que conta a história de três mulheres negras que tiveram papéis primordiais para o sucesso dos EUA na corrida espacial. O filme foi estrelado por atrizes negras renomadas (Janelle Monáe, Taraji P. Henson e Octavia Spencer) e dirigido pelo também renomado Theodore Melfi. É a história de mulheres negras contada por um homem branco. Nada que isso retire o brilho da história contada, mas, caso fosse dirigido por um negro, talvez não tivesse o mesmo destaque.

Mesmo com esse destaque, as atrizes e os atores negros atuam em papéis carregados de conotações racistas na maioria das produções. Em se tratando das mulheres no cinema, a situação se complica ainda mais. De acordo com pesquisa feita

pela Faculdade Estadual do Rio de Janeiro e coordenada pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp), as mulheres ainda são minoria nos postos mais altos do cinema. Somente 14% ocupam cargos de direção e 26% atuam como roteiristas nos filmes mais vistos no país. A pesquisa fala sobre a ausência de mulheres no cinema. Quando levamos a discussão para a situação das mulheres negras, é ainda mais complicado.

O cinema negro permanece em ascensão com curtas-metragens por meio de editais ou por projetos universitários que contribuem efetivamente para o que de fato podemos chamar de "cinema negro". Dentre as diretoras que se destacam no cinema nacional, estão Renata Martins (Aquém das Nuvens), Juliana Vicente (Cores e Botas), Cida Reis (Um Olhar Sobre os Quilombos do Brasil) e a jovem Yasmim Thayná (kbela). Incentivos fiscais, melhor distribuição de recursos nos cinemas, políticas públicas e até mesmo o debate desses filmes nas escolas podem contribuir para o crescimento do cinema negro. Precisamos de fato de um cinema negro sobre histórias negras de sucesso, pois a história do povo negro vai muito além de sofrimento e submissão. Histórias de sucesso têm sido contadas por cineastas negros, mas não recebem a repercussão e o mérito esperados.

A cineasta Cida Reis (BH) estuda audiovisual na Escola Livre de Cinema e atua como produtora cinematográfica na empresa Elas Poetas.

Foto: Filipe Chaves



Notícias

Equipe Casarão das Artes e Colaboradores

Dona Fininha se encantou

Serafina Teresinha Pereira, carinhosamente chamada de Dona Fininha, faleceu no dia 16 de setembro, deixando um forte legado de sabedoria ancestral negra. Benzedeira e festeira, ela foi mãe de dez filhos. Dona Fininha foi reconhecida em 2012 pelo Prêmio Zumbi de Cultura, realizado pela Cia. Baobá Minas. Em 2016 foi contemplada com o prêmio Mestres da Cultura Popular, promovido pela Fundação Municipal de Cultura. Durante mais de 25 anos, Dona Fininha realizou a festa de São Cosme e Damião, comemorada no dia 27 de setembro.

Foto: Pedro Vilela - Agência i7



"Meu Crespo, Nossa História"

No dia 22 de outubro, as jovens Mikaela e Walkíria lançaram o livro "Meu Crespo, Nossa história". São reflexões sobre o fortalecimento do discurso e dos novos posicionamentos da mulher negra em suas inter-relações na sociedade brasileira. As autoras utilizaram as redes sociais para mobilizar e envolver dezenas de mulheres a prestarem depoimentos e fazer seus testemunhos. As narrativas apresentadas na obra se referem ao processo identitário de aceitação vivido por inúmeras mulheres negras: o cabelo.

Foto: Mídia Preta



Equipe Casarão das Artes e Colaboradores

A consolidação do Seminário Afroempreender

Atendendo à demanda da sociedade civil negra por meio de suas entidades organizadas, o Sebrae-MG lançou este ano o Seminário Afroempreender. A iniciativa promove a equidade e o desenvolvimento social e econômico por meio do empreendedorismo, ampliando as oportunidades de crescimento para mais de 1 milhão de empreendedores negros em Minas Gerais. Foram três edições do seminário realizadas neste ano. Os temas foram pautados após reuniões com representantes de vários movimentos.

Para 2017, o Sebrae-MG pretende lançar o projeto AfroMercado – um evento para tratar sobre vários segmentos de atuação dos afroempreendedores.

À esquerda: Participantes do I Seminário Afroempreendedor Sebrae MG

Foto: Sebrae MG

Abaixo: O publicitário Àile Carvalho participou do painel Educação das Relações Étnico-Raciais para Comunicação, Design e Moda

Foto: Sebrae MG

II Colóquio Genocídio Negro na Diáspora

A morte sistemática da população negra no Brasil é uma realidade que diuturnamente estampa capas de noticiários na mídia nacional e internacional. Debater sobre esse tema é um dos objetivos do II Colóquio – Genocídio Negro na Diáspora. O evento está programado para os dias 1º e 2 de dezembro no Museu da Abolição em Recife. O II Colóquio – Genocídio Negro na Diáspora é organizado pelo Núcleo Paranaense de Pesquisas em Religião (Nupper) e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com o objetivo de criar grupos de estudo e promover a discussão e a reflexão da situação do genocídio negro no Brasil. Além disso, o trabalho levanta propostas de articulação e de ações para o enfrentamento desse problema com os movimentos sociais e as universidades.

Marca de acessórios lança coleção em desfile da Semana da Consciência Negra em Caruaru

Com o tema AfroFuturista, a Entrelaço Acessórios masculinos e femininos voltados para a cultura africana lançou uma coleção durante as comemorações da Semana da Consciência Negra. A participação foi a convite de uma faculdade em Caruaru, interior de Pernambuco. “Com figurino ilustrado por roupas claras e formas geométricas, os modelos negros desfilaram as peças que remetem à história da cultura africana e aos escravos que usavam pouca roupa, colocando a cor da pele negra em evidência”, explica Jhon de Moura, idealizador do evento e proprietário da marca.

Movimento que utiliza música, artes plásticas, moda e militância negra é destaque em Belo Horizonte

O movimento Afrofuturismo se tornou referência em Minas Gerais pelo seu protagonismo juvenil. O evento também se destaca por implantar questões da militância negra que atingem desde o público mais maduro até jovens e adolescentes. O movimento fomenta a visibilidade

de artistas negros por meio de exposições e apresentações das mais diversas esferas artísticas que contemplam trabalhos autorais de artistas da região. A segunda edição do Afrofuturismo ocorreu em novembro, no viaduto Santa Tereza.

Foto: Bianca Teles



Foto: Ricardo Laf



A gente não mede esforços para estar junto de você.

A Assembleia de Minas está presente em todo o Estado. Só neste ano, as comissões de deputados já percorreram mais de 60 mil quilômetros, fiscalizando ações, promovendo debates e escutando a opinião dos mineiros. E, mesmo quando a Assembleia não vai até a sua cidade, você pode acompanhar e participar de tudo o que acontece aqui, através do Portal e da TV Assembleia. A emissora, que está comemorando 20 anos, transmite as atividades parlamentares ao vivo e oferece uma programação exclusiva, com notícias, eventos, debates e conteúdo educativo, 24 horas por dia. As nossas portas estão sempre abertas para você.

Assista à TV Assembleia pelo canal da sua cidade ou pelo portal: almg.gov.br/tv



ALMG

Timóteo



Nutrição e Hidratação
Óleo de coco + Óleo de Argan + D-Pantenol

#AfroLivre

*Livre de parabenos e petrolato



www.niariosméticos.com.br

CHICA DA SILVA

MODA PRA QUEM TEM ATITUDE

O
PODER
à frente de um
NOVIE

Modelo: Cárinha Leão | Fotografia: Ricardo S. Gonçalves | Produção: Beleza Negra/Beina Borges



CHICA
DA
SILVA
chicadasilva.com.br